Revista Internacional Educon | ISSN 2675-6722
Volume 2, n. 3, 10.47764/e21023002, set./dez. 2021
https://doi.org/10.47764/10.47764/e21023002

A Educação e os Professores no Contexto de Pandemia: Vozes que Falam de Esperança

Education and teachers not in the context of the pandemic: voices that speak of hope

La educación y los maestros no en el contexto de la pandemia: voces que hablan de esperanza

CARLA ROBERTA SASSET ZANETTE[1], CÉSAR NUNES[2]

[1] Universidade de Caxias do Sul
[2] Universidade de Campinas

RESUMO: *Esta narrativa tem o propósito de registrar as vozes docentes retratadas no contexto de pandemia no cenário educacional por professores que atuam na Educação Básica. Este artigo fundamenta-se em concepções humanizadoras, alicerçadas aos conceitos da relação com o saber, de Bernard Charlot, em diálogo com o pensamento freireano. As narrativas docentes foram organizadas, sistematizadas e interpretadas à luz da análise do discurso. Pensamentos e emoções que se entrelaçam no cotidiano do professor e de sua prática, aliados às emoções, vivências e experiências, revelando, acima de tudo, o sentimento de esperança.*

PANDEMIA. RELAÇÃO DO DOCENTE COM O SABER. CONCEPÇÕES FREIREANAS

ABSTRACT: *This narrative aims to record the voices of teachers portrayed in the context of a pandemic in the educational scenario by teachers working in Basic Education. This article is based on humanizing conceptions, based on the concepts of the relationship with knowledge, by Bernard Charlot, in dialogue with Freire's thought. The teachers' narratives were organized, systematized and interpreted in the light of discourse analysis. Thoughts and emotions that are intertwined in the daily life of the teacher and his practice, combined with emotions, experiences and experiences, revealing, above all, the feeling of hope.*

PANDEMIC. TEACHER'S RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE. FREIREAN CONCEPTIONS

RESUMEN: *Esta narrativa tiene como objetivo registrar las voces de los docentes retratadas en el contexto de una pandemia en el escenario educativo por los docentes que laboran en Educación Básica. Este artículo se basa en conceptos humanizadores, partiendo de los conceptos de relación con el conocimiento, de Bernard Charlot, en diálogo con el pensamiento de Freire. Las narrativas de los profesores fueron organizadas, sistematizadas e interpretadas a la luz del análisis del discurso. Pensamientos y emociones que se entrelazan en la vida diaria del docente y su práctica, combinados con emociones, vivencias y vivencias, revelando, sobre todo, el sentimiento de esperanza.*

PANDEMIA. RELACIÓN DEL PROFESOR CON EL CONOCIMIENTO. CONCEPCIONES FREIREANAS

Introdução

O necessário isolamento social provocado pela pandemia mundial da COVID-19 trouxe à área da Educação desafios e incertezas nunca antes vivenciados. Diante da suspensão das aulas presenciais, o cotidiano educacional precisou ser redimensionado e ressignificado em um tempo muito rápido. Professores tiveram de pensar estratégias que garantissem possíveis ações eficazes para que este processo diferenciado obtivesse êxito, projetando novas possibilidades de ensino e de aprendizagem.

Compreender o que pensam e o que sentem os professores, tanto nos âmbitos emocionais quanto nos biofísicos, é o propósito maior desta escrita. Para tanto, essa reflexão pressupõe adentrar no cotidiano escolar, promovendo uma escuta reflexiva e sensível ao docente, o qual evoca suas emoções e suas percepções nas ações e na tomada de decisões, considerando a complexidade dos desafios a serem enfrentados diante do ineditismo da situação e do contexto de incertezas das perspectivas futuras.

1 Dizeres e saberes que revelam esperança

Sabemos que a pandemia provocada pelo denominado "novo coronavírus", agente virótico causador da doença cognominada como Covid-19, ocasionou, entre muitas medidas, o necessário apartamento ou distanciamento social. Embora muitas sejam as interfaces que rondam o protagonismo exercido pela área da Saúde, na tentativa de combater o vírus e de salvar vidas, não temos como deixar passar desapercebido o movimento educacional que perpassa todos os atores do processo educativo, desde a suspensão presencial das aulas até a estrutural mudança da concepção de tempo pedagógico.

Diante desse contexto, inúmeras foram as situações que modificaram a rotina dos lares, das famílias, dos estudantes, e, especificamente, a dos professores. Em breve espaço de tempo, professores tiveram de ressignificar seus modos de planejar e de ministrar aula. Muitos criaram e recriaram espaços de ensino simulados aos espaços do ambiente escolar, buscando estratégias para minimizar as lacunas provocadas pelo distanciamento social. Disponibilizaram seus *WhatsApps* para contatos com famílias, com os estudantes, sempre com o propósito maior de resgatar e de manter o vínculo afetivo e a dinâmica da aprendizagem.

Espaços e tempos foram redimensionados em favor de buscas de alternativas de aproximação não presenciais. Esforços não foram medidos para que as práticas que levam ao conhecimento pudessem chegar aos estudantes. A partir de vivências percebidas e interpretadas, em narrativas verbalizadas por docentes que atuam na Educação Básica, é possível compreender um pouco o que sentem e o que pensam os professores, neste momento de ressignificação do ser e do fazer docente. Por que os professores estão se desafiando e ousando, em suas iniciativas, com o propósito de gerar as condições de levar o conhecimento até o aluno? O que mobiliza os professores a ensinar e a continuar acreditando na educação, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas no cenário educacional, percebidas nitidamente no contexto de pandemia? Pois bem, não precisamos investigar muito para saber que os motivos utilizados transcendem a questão salarial e a tipologia da obrigatoriedade da profissão.

De igual modo, percebemos o medo invadir os corações dos professores e, em alguns momentos constatamos que esse sentimento chegou a quase paralisar esse impulso humanista, suplantado por atitudes e sentimentos pessimistas diante das incertezas, das dúvidas, da ausência de políticas públicas coerentes e condizentes com o cenário pandêmico. No que diz respeito à sensação de medo, Freire explicita:

> Antes de mais nada, reconhecemos que é normal sentir medo. Sentir medo é uma manifestação de que estamos vivos. Não tenho que esconder meus temores. Mas, o que não posso permitir é que meu medo seja injustificado, e que me imobilize. (FREIRE, 1993, p. 70).

Nesse sentido, adentrar nessa complexidade de emoções pressupõe encharcar-se de sensibilidade para perceber o universo que nos circunda e nos ronda e constitui a vida do docente e de suas atividades cotidianas. Representa, ainda, investigar esse fantasma do medo que se faz presente na docência, compreendido como um paradoxo que se estabelece entre o reconhecimento do novo e o sentimento de desvalorização de nossa identidade.

Nas pesquisas que realizamos constatamos que os professores revelam, por meio de narrativas escritas, que existe uma relação ativa com o saber que se ensina, bem como um vínculo afetivo com seus estudantes, aspectos esses que os mobilizam a ensinar. Nesse sentido, o professor é um sujeito que se relaciona com o saber, isto é, que dispõe uma relação do saber consigo próprio, com os outros e com o mundo, articulando e promovendo situações dialógicas que possibilitem aprendizagem para si, subjetivamente, para os alunos e para o mundo, tornando-se, assim, um profissional e um ser humano possivelmente melhor.

Com o propósito de fundamentar conceitualmente a relação do professor com suas emoções e com o ensinar, no contexto de pandemia, buscamos em Bernard Charlot (2000), os criteriosos pressupostos que dialogam com esse entendimento. Charlot (2000) define a concepção de homem como um ontologicamente incompleto, inacabado, que se apropria de um saber construído histórico-social-culturalmente. Por conseguinte, aprender é condição para o ser tornar-se humano. Para Charlot, um sujeito é:

> i) um ser humano aberto ao mundo, movido por desejos e em relação com outros seres humanos; ii) um ser social, que nasce e cresce em um ambiente familiar, que tem uma posição em um espaço social, que está inscrito em relações sociais; iii) um ser singular, exemplar único da espécie, tem história própria, interpreta o mundo, atribui sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade. CHARLOT (2000, p.33).

O autor (2000) entende que as relações com o saber podem ser definidas sob três dimensões: a dimensão epistêmica, a dimensão de identidade e a dimensão social. A relação epistêmica pressupõe entender os diferentes sentidos de como o indivíduo percebe sua própria aprendizagem, a partir de diferentes finalidades. A relação com o saber é social, pois envolve princípios que estruturam a sociedade. Da mesma forma, é igualmente uma dinâmica de produção social de identidade, uma vez que expressa a identidade do sujeito. Essas relações, por sua vez, se constituem de modo interdependente.

A noção da relação com o saber busca compreende, entre outros aspectos, "como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular" (CHARLOT, 2005, p. 41).

A relação do docente com o saber, no contexto atual, considera o objeto de saber, mas também as emoções e experiências vivenciadas consigo, com o outro e com o mundo. Neste sentido, entendemos que os professores se mobilizaram a ensinar, essa é a premissa fundante dessa interpretação histórica, institucional e pedagógica. Mas o que os levou a se mobilizarem? Essa mobilização não foi espontânea ou forçada, ela dever ser compreendida na conjunção de muitas leituras, projeções e decisões, singulares, grupais e coletivas. Muito provavelmente foi o sentido e o desejo de efetivamente ensinar seus alunos.

Segundo Charlot, mobilizar "é pôr recursos em movimento", "(...) é também engajar-se em uma atividade originada por móbiles, porque existem 'boas razões' para fazê-lo" (CHARLOT, 2000, p.55). Móbile é entendido aqui como movimento interno do sujeito, ou seja, o desejo que leva à atividade.

Por certo, é possível pensar que a suspensão presencial das aulas, neste momento de pandemia, ativou a relação do docente com o saber, ressignificando as concepções e o entendimento desses sujeitos para e com a educação.

Conforme Charlot (2005), para que o sujeito se mobilize, faz-se necessário que ele atribua sentido ao que está aprendendo/ensinando, isto é, quando o sujeito se coloca em situação de movimento por disposições móveis que exprimem desejo, sentido, valor, escolhas. Em outras

palavras, o sentido atribuído ao saber pressupõe o envolvimento e a realização das práticas educativas. É a aula em ação que movimenta o ser e o agir do professor.

Assim, o desejo de movimento pela aprendizagem do estudante orienta o professor a buscar alternativas de novas relações com o saber, as quais estão envolvidas e engajadas com suas vivências, emoções e experiências da docência, na relação consigo, com o outro e com o mundo.

Adentrar o cotidiano escolar, direcionando o olhar e a escuta ao docente, por meio de narrativas escritas, denominadas *balanços de saber*, permite que subjetividades sejam evocadas, em um processo de relação orgânica e definitiva com o saber. Isso significa compreender a complexidade que envolve a construção do currículo escolar, articulada aos processos de ensino e aprendizagem.

A relação do docente com o saber pressupõe entender os sentidos, ou seja, o que pensam e o que sentem os professores quando o assunto diz respeito à educação, evocando seus desejos e palmilhando seus inegáveis medos. Isso requer compreender as contradições, os conflitos, os desejos e as projeções de cada docente. Cada um se sente e se diz professor a partir das experiências e das vivências que o constituem, num processo de imbricamento entre o eu profissional e o eu pessoal. Desse modo, "a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino." (NÓVOA, 1992, p.16). A ontologia social que define o ser dos professores expressa-se na sua ação de ensinar e na representação que ele próprio define sobre seu ofício e singularidade.

A questão fundamental que se apresenta consiste na conscientização da necessidade de compreender as emoções que atravessam o *ser* e o *fazer* docente, no sentido de dar voz aos sonhos, expressar fidedignamente os desejos, reconhecer e manejar os medos, considerar e superar as angústias, em um processo reflexivo sobre a relação do docente consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Conforme Charlot (2005, p. vi), compreender os professores implica "interessar-se não somente por sua relação com o saber (com sua relação e a de seus alunos) mas também pela relação com o ensinar (com a situação e com a atividade de ensino)."

Sob essa perspectiva, o professor é entendido como um sujeito incompleto, inconcluso, em constante aprendizagem. Um ser singular, que assume uma posição social, ao se relacionar com o ensinar e com o aprender. Trata-se de reconhecer a inalienável originalidade e a prestimosa necessidade de identificação da singularidade e peculiaridade da profissão docente no conjunto das práticas sociais.

Com o propósito de preservar os registros das memórias vivenciadas no cenário educacional durante a pandemia, os professores da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul RS foram desafiados a escrever narrativas retratando as experiências e as percepções vivenciadas nesse contexto de pandemia e de exigente distanciamento social. A escrita tem a intenção de promover o protagonismo e a autoria docente, como uma forma de dar voz às emoções que perpassam as relações humanas, engendram a historicidade dos sujeitos, registram organicamente as vivências e saberes.

Para provocar e desencadear as narrativas, alguns questionamentos foram propulsores: "*Como você se sente? Quais são suas emoções neste momento educacional? Que seres humanos seremos após esta pandemia*?" Essas indagações reverberaram o registro de histórias repletas de angústias, de dores, incertezas, medos, entrelaçados à esperança, à ousadia, à ressignificação, à reinvenção e à transformação da educação e dos seres humanos nela envolvidos, as quais reverberam mudanças pessoais e profissionais que implicam em gerar as condições para uma nova travessia. Diante disso, apresentamos alguns depoimentos de professores, os quais são identificados por Professor 1, Professor 2, sucessivamente, a fim de manter o correto anonimato do entrevistado, sem prejuízo do núcleo basilar da pesquisa, que se circunscreve à identificação das tramas e das narrativas de tais sujeitos.

Assim como era uma preocupação para os pais, para nós professores também. Como alcançar nossos estudantes? Um sentimento de impotência nos invadiu e nos fez reinventarmos nosso pensar pedagógico de muitas maneiras. Tivemos que sair da nossa zona de conforto para irmos em busca de novas estratégias, muitas das quais nem dominávamos. (Professor 1)

A narrativa do professor em destaque revela o olhar acolhedor em relação às necessidades de aprendizagem dos estudantes e igualmente aponta a busca de alternativas para garantir o direito à educação e o comprometimento da equipe diretiva e dos professores no atendimento às famílias. Vimos que, nos excertos das narrativas, há expressões que comprovam que os professores

manifestam intensa e inequívoca preocupação com a situação existencial e social de seus alunos e estudantes.

Impressiona a relevância de o professor estar aberto para uma aprendizagem que rompe com as barreiras dos tempos e espaços, colocando à prova as diferentes teorias de aprendizagem e suas concepções balizadoras. Essa disposição para igualmente aprender, com os desafios postos pelas relações institucionais e escolares de natureza remota é frequente e recursiva nas narrativas coletadas.

Ao compreender a dimensão histórico-social vivenciada, houve a necessidade de reinventar o papel da educação, com a finalidade de buscar estratégias diferenciadas para que a escola pudesse cumprir sua função social de garantir a aprendizagem a todos. Neste quesito, no campo da gestão municipal, a observação, o planejamento, a ação coletiva, a experiência e o apoio da equipe gestora foram fundamentais para o apoio pedagógico e para a execução de ações viáveis e eficazes, diante de muitos percalços, enfrentados na inusitada situação.

Desde o início tivemos apoio da equipe diretiva em relação aos passos iniciais a serem tomados e as diretrizes do andamento dos Estudos monitorados. Estamos utilizando a ferramenta do WhatsApp, atendemos diariamente das 8:00 às 12:00, de segunda a sexta-feira, tirando dúvidas, dando explicações e tentando auxiliá-los no que for necessário, para que possam realizar as atividades que foram enviadas fisicamente. Como professoras, nos unimos e estamos desde então planejando e pensando juntas cada atividade a ser entregue, visando assim o entendimento e a aprendizagem significativa do aluno. (Professor 2)

Neste sentido, situar-se na dinâmica da gestão educacional e escolar tornou-se, neste momento, ainda mais desafiador, uma vez que precisou articular com o grupo e com toda a comunidade escolar, visando à segurança, à tranquilidade e à efetivação do planejamento pedagógico, partilhando saberes e construindo caminhos possíveis, conforme comprova o seguinte trecho da narrativa recolhida:

É preciso ressaltar-se que, como tudo tem sido inédito no ano de 2020, percebeu-se, mais do que nunca, a necessidade primordial do trabalho coletivo, participativo e que dialoga incessantemente com todos os atores da comunidade escolar para que se possa, minimamente, ter firmeza na condução dos processos educativos nesse período de pandemia (Professor 3)

Os relatos docentes evidenciam um patente e comprovado esforço em busca de compreensão do atual contexto e conduzem à busca de melhoria interior, diante do "caos":

Neste momento de pandemia que estamos atravessando, precisamos olhar para nosso interior e perceber que tipo de transformação é necessária, e que ainda é preciso coragem para que possamos nos libertar de velhos hábitos e dar um salto rumo à mudança, percebendo que somos parte de algo muito maior do que imaginamos. (Professor 4)

O entendimento da educação como processo, nessa consideração, e não como produto institucional somente, acaba por potencializar a resiliência do professor, bem como o cuidado com sua saúde física e mental e demonstra a responsabilidade da escola no atendimento aos estudantes. A tomada de consciência sobre a importância da vida circunda o âmbito escolar com novas formas de conceber o currículo e de definir os processos de ensino e de aprendizagem, que passam a ser redimensionadas e refletidas.

As intenções são as melhores, espero que estas sementes lançadas deem bons frutos quando tudo isso passar. Alguma hora tudo irá voltar à normalidade, enquanto isso procuro viver tudo a seu tempo, não adianta, por exemplo, eu me preocupar agora com o

nível que os meus estudantes estarão ano que vem. De que *adianta?* Farei o melhor que posso hoje da maneira que consigo. O ano que vem se eles nada souberem mesmo, começo tudo de novo. Afinal não é essa a função do professor? (Professor 5)

Por certo, a relação com o saber, na reflexão criteriosa de Charlot (2005), estabelecida na relação com o seu próprio ser, com o outro e com o mundo, pode ser compreendida na medida em que o professor, sujeito que se relaciona com o saber, percebe que a pandemia nos deixará complexos e possíveis grandes legados, que nos orientam para uma qualificação interior, uma vez que

Esse vírus chegou para desvelar nossas fragilidades, nossas limitações e a necessidade de nos colocarmos no lugar do outro, para não perdermos, em primeiro lugar, nossa saúde e nossas vidas e, por fim, nossa humanidade. (Professor 6)

Nessa linha de pensamento, em que todos estão, de certo modo relacionados, o senso de coletividade, a empatia e a solidariedade são intensificados e evidenciam o seu potencial para a resolução das questões abertas pela realidade social, educacional e escolar, da melhor forma possível.

Essa excepcionalidade provocou incerteza, angústia e medo, ao mesmo tempo que impulsionou a renovação, a reinvenção e a mudança, tanto na dimensão individual / pessoal quanto na coletiva / profissional. (Professor 7)

As narrativas explicitam o quanto todos, diante de uma situação tão adversa, de um "futuro incerto e não saber quando as coisas vão voltar ao normal" (Professor 8), fizeram e estão tentando fazer o melhor de si mesmos e de cada um, não poupando esforços para isso.

Reinventar passou a ser palavra de ordem". A preocupação em mediar os recursos tecnológicos seguros disponíveis e a realidade da comunidade escolar, a segurança das informações tanto dos professores, quanto dos estudantes, mostra uma equipe responsável, comprometida, acolhedora e cuidadosa. Diante de tantas dificuldades, muitas experiências positivas foram vividas (..) aprender coisas novas é muito bom!!! Foi um momento inovador gerou diversos aprendizados, a busca pelo conhecimento é enriquecedora. (Professor 8)

Embora permeadas de adversidades, é possível perceber, nas entrelinhas das narrativas, o sentimento de esperança e a reafirmação de valorização do professor. Contradições que se mesclam com o desejo de dias melhores e de novas formas de perceber a docência e de ressignificar o ser humano. Transformações e ressignificações de conceitos curriculares, educacionais, bem como da própria existência humana.

Quero um mundo com mais flores, menos dores e muito mais amores, pois foi e está sendo um momento histórico na vida de cada ser humano, que passa batido para uns, sem significação e para outros de grandes transformações. Foi um ano de muitas emoções, risos e lágrimas, mas acima de tudo de muito aprendizado e resiliência. Ninguém e nenhuma tecnologia substitui a presença de um professor em sala de aula. A vida escolar será vista por toda a humanidade com prioridade, pois nunca uma sala de aula cheia e um professor fizeram tanta falta. (Professor 9)

Reiteramos que as narrativas retratam o conjunto de angústias, de dores, de incertezas, de medos, entrelaçados à esperança, à ousadia, à ressignificação, à reinvenção e à transformação da educação e dos seres humanos, os quais repercutiram mudanças pessoais e profissionais. Da mesma forma, percebe-se o desejo do professor em manter o vínculo com seus alunos, por meio de diferentes e variados recursos, tanto aqueles suportados através de tecnologias contemporâneas quanto do papel impresso, pois

no início, a grande dificuldade foi encontrar uma forma que fosse significativa para os estudantes. E também de como conseguir esse retorno, principalmente na parte impressa. A quarentena reforçou a ideia de que não poderia trabalhar na frente de um computador, não nasci para isso... A ideia de que escolhi ser professora pelo contato direto do olho no olho [...] fica claro que, diante dos movimentos realizados, com o passar do tempo, houve não somente a superação dos desafios surgidos, como também o aprimoramento do ato pedagógico. (Professor 10)

A esperança, segundo Freire, faz parte da constituição humana, sendo ela a virtude propulsora da busca, da mobilização do não conformismo, portanto, indispensável à vida humana.

A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. (FREIRE, 1996, p. 29).

Sentir esperança é próprio da consciência da incompletude do ser humano, em sua busca constante. Por sua vez, a negação da esperança retrata o conformismo e a acomodação. Consoante a Freire (1993, p. 70), "o que não posso permitir é que meu medo seja injustificado, e que me imobilize. [...] E o medo pode ser paralisante.".

Considerações para o momento

É a educação que permite ao homem questionar-se sobre si mesmo e sobre o mundo, refletir sobre suas ações e atitudes, de forma a reconhecer e respeitar o outro como parte constitutiva de si mesmo e da totalidade da realidade humana, social e subjetiva. Sendo assim, a educação é um processo de compreensão e de interpretação do homem sobre si mesmo e sobre o mundo.

Na complexidade de sentimentos e de múltiplos conhecimentos vivenciados e percebidos no cotidiano educacional, entendemos que os professores, especialmente no contexto de aulas não presenciais, foram e continuam sendo incansáveis sujeitos sociais em suas práticas pedagógicas, em suas relações humanas e em seus outros modos de pensar e agir.

Convictos de serem autores da história e testemunhos do próprio tempo, agiram com a certeza de que não é possível fazer "um pouco", e por isso, fizeram "muito mais do que o comum", levando, além do ensino e da aprendizagem, oportunidades e esperanças a tantos que quase nada possuem.

Referências

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHARLOT. Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

CHARLOT, B. A mobilização no exercício da profissão docente. *Revista Contemporânea de Educação*. v.7, n.13, p.9-25, 2012. Disponível em: http://www.revistacontemporanea.fe.ufrj.br/index.php/contemporanea/article/view/170/148.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia*: o cotidiano do professor. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

NÓVOA, Antônio. *Vidas de Professores***.** Porto: Porto Editora, 1992.

CARLA ROBERTA SASSET
https://orcid.org/ 0000-0001-7609-1330
Doutora em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Pesquisadora integrante da Relação com o saber junto ao professor Bernard Charlot e equipe. E-mail: crsasset@ucs.br

CESAR NUNES
https://orcid.org/0000-0003-3548-9486
Professor Titular de Filosofia e Educação na Faculdade de Educação da UNICAMP. Autor de livros e artigos sobre Formação de Professores, Filosofia, Ética e Política Educacional. Coordenador (Líder) do Grupo de Estudos PAIDEIA, Presidente nacional da ABRADES, membro fundador do Instituto Nacional de Pesquisas e promoção de Direitos Humanos e professor colaborador do IGC Universidade de Coimbra Portugal. E-mail: cnunes@unicamp.br